

CULTURA & RECREIO

**Publicação do
Associativismo Feirense**

Diretor
Joaquim Tavares

Dezembro 2016

Edição nº12

Periodicidade
Anual

Distribuição gratuita



20ª edição

Viagem Medieval

Folclore P. 4

Teatro P. 8

Música e Dança P. 10

Formação P. 11

P. 12 **A vida associativa**

P. 19 **Vivências**

P. 23 **Curiosidades**

P. 25 **Na Forja**

Estatuto Editorial

1. O "Cultura e Recreio" é a publicação do associativismo feirense e tem como objetivo a informação geral e a divulgação das iniciativas e atividades das coletividades locais, bem como toda a informação de interesse para a Federação das Coletividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira.
2. Esta publicação terá periodicidade anual e será nortada pelo rigoroso respeito pela boa-fé dos leitores, pela liberdade de expressão, pelos princípios deontológicos da imprensa e ética profissional, recusando qualquer alinhamento com forças políticas, económicas ou outras, obedecendo ao respeito pela Declaração Universal dos Direitos do Homem e dos Povos, à Constituição da República Portuguesa e aos nobres valores do associativismo, da solidariedade e da coesão social.
3. Será uma publicação aberta à pluralidade de opiniões e à participação ativa dos leitores, desde que devidamente identificados e elucidados das suas responsabilidades pessoais, salvaguardando-se, sempre que tal se justifique, à direção editorial o direito de limitar ou recusar a sua publicação.
4. Na vertente informativa o "Cultura e Recreio" terá sempre a preocupação de salientar todas as versões dos factos, sem prejuízo de relevar o que tiver mais importância segundo critérios puramente jornalísticos, sem cedência a qualquer tipo de pressões e com total independência.
5. O direito de resposta será exercido dentro dos parâmetros da lei da imprensa em vigor.
6. A Direção Editorial nomeada pela Federação das Coletividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira é soberana nas suas decisões sobre os conteúdos considerados jornalísticos.
7. O conteúdo comercial, sempre que autorizado pela direção da Federação, será da responsabilidade dos anunciantes e condicionado, nos termos legais, ao Código da Publicidade.

Editorial

Joaquim Tavares

Vive-se um tempo de afirmação do movimento associativo cultural e recreativo feirense. Das enormes dificuldades fazem forças, das faltas de apoio para o seu trabalho voluntário junto das suas comunidades, encontram soluções, prosseguem o trabalho de promoção do desenvolvimento cultural das suas terras e das suas populações, oferecendo oportunidades de experienciar formas de participação activa no desenvolvimento local no campo da cultura e recreio.

A programação cultural do Município precisa com urgência de contar cada vez mais com a produção associativa que mostra empenho e qualidade suficientes para serem tidas em conta e serem uma mais-valia para o território. O esforço que tem sido feito e a evolução que tem ocorrido em várias estruturas associativas, demonstram que estão bem preparadas para assumirem um papel determinante no panorama cultural do Concelho. A demonstração de força, de qualidade e de dimensão com que se apresentaram na edição de 2016 da Viagem Medieval, são a prova que faltava (?) para essa afirmação.

As apostas na produção profissional e de dimensão nacional ou internacional são sempre bem-vindas ao nosso território. Sendo apostas arrojadas, são investimentos importantes para o desenvolvimento da cultura local, mas também oportunidades disponibilizadas às populações e desafios necessários para as estruturas locais, que podem melhorar e crescer com a aprendizagem e experiência adquiridas.

Assim, é indispensável o apoio de cada uma das comunidades às suas associações locais, participando, ajudando e dando força. Aos responsáveis autárquicos é fundamental que entendam a importância para o desenvolvimento local de cada uma destas comunidades associativas e do seu papel relevante para o bem-estar das populações e para o seu crescimento. Apoiar de forma clara e objectiva o trabalho desenvolvido, apostar na sua capacitação e desenvolvimento, ajudando-as a ter os meios e as ferramentas necessárias, técnicas e humanas, bem como espaços adequados para a persecução da sua intervenção, de modo a que cada vez mais sejam respostas com significado e estruturas com peso na programação cultural do Concelho.

A revista "Cultura e Recreio" caminha para um novo formato, reformulação dos seus conteúdos e aspecto gráfico, acompanhando o esforço que está a ser feito pela Federação, para dotar os diferentes setores de mais e melhores conteúdos, dando muita importância à melhoria da qualidade, para comunicar melhor, fazendo chegar aos leitores da causa e valores associativos, mais e melhor conhecimento do trabalho que vai sendo realizado por cada uma das associações culturais e recreativas nas comunidades locais.

O nosso destino é sermos uma peça determinante no desenvolvimento cultural de cada uma das nossas terras e ajudar o nosso território a ser cada vez mais desenvolvido e um espaço de oportunidades para todos.

A Missão dos Grupos Folclóricos

Laura Campos

Conselheira Técnica Regional da FFP Douro Litoral - Norte

O que me levou a aceitar escrever algumas letras sobre este tema, foi precisamente a palavra “missão” de que gosto particularmente para definir o honroso trabalho que os Grupos Folclóricos e Etnográficos (GFE) deverão desenvolver na salvaguarda da cultura tradicional e popular das comunidades que representam. Num tempo em que a globalização tende a abafar a identidade dos povos, caberá sem dúvida a estas associações contribuir para preservação da nossa Memória, da nossa Identidade.

Se alguns GFE já entenderam a sua missão, encetando um trabalho sério de pesquisa, de recolha, de preservação dos usos e costumes das suas comunidades ou regiões, muitos há que desconhecem completamente, as fundamentais e elementares “quatro patas” que caracterizam o facto folclórico, o que determina se um acontecimento ou objecto poderá ser considerado como válido: saber se é tradicional (se passou de geração em geração por via oral e permaneceu no tempo), se é universal (aceite por toda a comunidade e não por uma minoria), popular (do agrado do

povo e não de elites) e anónimo (autor desconhecido). Por exemplo, as bandeiras repletas de fitas penduradas numa haste de inox, contempla alguma destas premissas? É evidente que não! A dança que o ensaiador inventou para a atuação em palco ser mais espectacular, obedece aos requisitos do facto folclórico? Claro que não! No primeiro, o povo nunca as usou nas suas manifestações, no segundo o autor é conhecido! No entanto, muitos ranchos ainda adotam estas práticas...manifestamente, resquícios do Estado Novo que nos anos trinta do século passado, servindo-se de cultura popular, inicia uma campanha de propaganda, deturpando a realidade portuguesa, que de um país de miséria, passa a imagem de um Portugal alegre e próspero.

Esses mesmos grupos, persistem teimosamente em demitir-se da sua Missão, de serem conhecedores das suas comunidades, dos seus usos e costumes, dos comportamentos das suas gentes, do saber fazer, como vestiam e em que circunstâncias usavam os adereços, enfim... serem conhecedores dos aspectos económicos, sociais e religiosos

das comunidades que num tempo, dizem representar. Não se pode conceber, que os homens adotem colocar os polegares nos sovacos ou agarrar a camisa durante a dança ou descanso nas suas representações, que desabotoem as camisas, que usem o lenço de tabaqueiro sem olhar à sua função, que as mulheres não cubram a cabeça ou que retirem os lenços à saída do palco, que usem o ouro preso com alfinetes, que durante a execução das danças façam rodar as saias a uma altura quase indecente, não olhando ao recato e ao pudor exigido à mulher da época de representação, que se apresentem com desleixo evidente e falta de brio e um sem número de atitudes que revela total desrespeito pelos nossos antepassados e não dignificam o movimento folclórico da região e do país.

Não pode ser desconhecimento, por parte dos responsáveis destas associações, pois hoje em dia há informação suficiente para um GFE saber a postura a adotar e onde encontrar pessoas que possam ajudar. Só por pura inércia, teimosia e falta de humildade do “sempre foi assim, porque havemos de



mudar? As pessoas gostam e batem palmas..." e saem à rua, sobem aos palcos como se um passeio de camionete, uma boa merenda ou um bem "regado" jantar fosse suficiente para tapar a mentira que levam onde quer que vão, ignorando ostensivamente a sua Missão.

Gostaria de deixar um apelo às autarquias, lembrando um dos parágrafos das recomendações da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), que "cabe aos Estados adotar as medidas necessárias para garantir a salvaguarda do Património Imaterial presente no seu território". Sabemos que o

Estado tem dado passos muito débeis, para não dizer nulos na salvaguarda da cultura tradicional e popular do nosso país. Entendo que as Câmaras Municipais e as Juntas de Freguesia, tendo como veículos para a salvaguarda deste Património Cultural, os GFE, podem desempenhar um papel relevante e fundamental, distribuindo com justiça os apoios financeiros e logísticos, premiando os grupos que demonstrem uma clara preocupação neste sentido e estabelecendo protocolos de compromisso no tempo, com outros que não demonstrando essa preocupação no presente, queiram melhorar a sua

representatividade e a sua Missão no futuro. Um autarca não poderá sentir-se confortável no seu pelouro, quando convidado para um evento organizado por um GFE da sua região, do seu Concelho e na sua intervenção, tenha de elogiar o trabalho desenvolvido pelo grupo, quando este não dignifica a Memória da sua comunidade.

Acredito que com estes procedimentos os GFE acabarão por entender esta nobre Missão que os deve perseguir na salvaguarda deste Património Cultural, como povo singular que somos, antes que se perca na avassaladora globalização.

Cortejo Etnográfico



Carro de Mato



Pinhoeiros



Lavadeiras



Ciclo do linho



Ferreiros



Barco Rabelo



Azevém

A Federação das Coletividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira realizou um “Cortejo Etnográfico” na cidade de Santa Maria da Feira, no passado dia 22 de Maio. Essa iniciativa foi idealizada e organizada pelo grupo de trabalho da área do folclore dessa instituição. Participaram no evento, cerca de duas dezenas de grupos etnográficos e para cima de quinhentos elementos.

O cortejo foi composto por sete carros alegóricos onde se retratou alguns dos labores da época como: carro de bois carregado de mato, o serão à volta do linho, ferrageiros, cortada de azevém, o lavar no rio, os pinhoeiros, um barco rabelo e pessoas apeadas, algumas com alfaias agrícolas, envergando diversos trajes de trabalho, de festa, de lavradores ricos e, também, de crianças.

O objetivo desse trabalho foi o de aproximar mais os grupos e promover a sua interação, o que resultou em pleno, até porque a iniciativa encerrou com o grande grupo a tocar, a cantar e a dançar em conjunto. Este era constituído por dois pares, tocadores e cantadores de cada um dos grupos e, todos juntos, executaram temas e danças das recolhas efetuadas por cada um deles.

No final, o sentimento foi o de dever cumprido e o retorno foi o de um trabalho bem conseguido que poderá vir a repetir-se, sempre melhorando a qualidade e reforçando o seu objetivo.



A direcção de cena

Carlos Reis

Produtor, Encenador e Formador de Teatro

A Encenação, ou Direcção Artística, os Actores, os Cenógrafos ou Figurinistas, Compositores e Sonoplastas, Designers de luz até mesmo os contra-regra, são profissões das artes do espectáculo do conhecimento geral. No entanto, a Direcção de Cena é um cargo pouco comum quer em teatros quer em companhias. Apesar disso, ao longo da última década, tem vindo a impor-se e a criar o seu espaço na organização e requalificação dos métodos de produção artística.

O cargo deriva do “stage manager” anglo-saxónico que agrega em si vários cargos da nossa organização mais francófona: assistente de encenação, regisseur (comando de regie), gestão técnica de preparação e montagem. Portanto, o director de cena, “deveria ser uma espécie de coordenador geral de todas as tarefas, assegurando-se de que cada actor, cada técnico, cumpre a sua função no momento certo. Em espectáculo, ele deverá ser mesmo o «maestro» que dá as deixas para os efeitos de luz, de

som, de maquinaria de cena, de entradas de actores em cena etc. Ou seja, é responsável por assegurar todo o funcionamento técnico de um espectáculo”.

Assim: é responsável por toda documentação de criação de espectáculo, ou seja, o livro de direcção de cena, mais do que um diário de bordo, é a referência e onde está anotada toda a orientação de criação. Contém toda a informação relativa à equipa, desde a agenda colectiva à individual, prevendo eventuais impasses no calendário de produção. As reuniões são anotadas em tabelas de «reunião de produção», uma espécie de actas técnicas, onde são recolhidas as informações de decisão criativa e posteriormente disponibilizadas à equipa. Estas decisões estabelecem os acordos e as fronteiras criativas. Promovem a organização e o calendário com várias «data limite» evitando a sobrecarga. Organiza toda a documentação de empréstimos, alugueres, relatórios de condições e fotos de

equipamentos, figurinos ou adereços e providencia seguros, quando necessário, para os mesmos equipamentos, figurinos ou adereços, para o espectáculo, e para, inclusive, o público. Toma nota do desenrolar da criação no palco, movimentações, efeitos, indicações, com uma estratégia de anotação e estenografia muito particulares. Colige toda a informação técnica bem como as referências de investigação colectiva. Arquiva a documentação relativa ao desenho de luz, listagens de equipamento, plantas e cores. Da mesma forma arquiva digitalmente o som, suas directrizes e sonoplastia. Recolhe e arquiva instruções de lavagem de figurinos para posterior uso, esboços de cenografias e figurinos e instruções de montagem de objectos cenográficos de cena, assim como, planos de construção.

Paralelamente, organiza toda a informação necessária ao agendamento e promoção do evento: documentação promocional, textos e testemunhos, agenda de recolha de imagens, ensaios de imprensa, entre outros, que é fornecida à produção do espectáculo. Também, tudo o que concerne ao normal desenrolar da produção do evento, inclusivamente o relato



à produção das faltas, atrasos e eventuais desvios de conduta é a base de trabalho de um director de cena.

Assim, o director de cena tem que ter proximidade com todos os elementos do grupo, especialmente, com a direcção artística, que deve ser de confiança e com grande cumplicidade, mas também deve ser o “melhor amigo” de todos os elementos da companhia e, até, confidente. Para a maioria dos criativos, o director de cena é o elo e ponto de contacto entre a sala de ensaios, as oficinas e os mais variados intervenientes do evento colocando-os a par do progresso, alterações, etc. Ou seja: “o seu envolvimento em todos os aspectos da criação do espectáculo, a sua proximidade com o dramaturgo, encenador, produtor e designers, torna-o conselheiro e confidente de todos os envolvidos”.

Esta proximidade coloca-o numa posição preferencial para ter uma visão mais alargada e precisa de todo o projecto, que pode ir desde a dinâmica pessoal e privada da companhia e seus processos criativos, até um entendimento das intenções do encenador e designers. Durante o período de ensaios, o director de cena assume também o papel de criador: criador de espaços e tempos

criativos, promovendo a discussão e antecipando desenlaces, criação de adereços, de substituição e a marcação do espaço de cena a partir das propostas cenográficas. Em tempo de espectáculo, carreira e digressão, a direcção de cena assume um papel de liderança que, de certa forma, substitui o encenador. O objectivo é garantir a qualidade do espectáculo, com relatórios, manutenções, verificações, até mesmo dirigindo ensaios de reposição ou requalificação, bem como a capacidade de orientação e programação de montagem, desmontagem, transporte e arrecadação, ou seja, verificação de todos os aspectos da remontagem do espectáculo e a sua coerência com a estreia e o objecto artístico consumado por esta. Podemos, definir as competências do papel do director de cena, de acordo com a dimensão e estrutura em que desempenha a sua função e esta decorre de “estar no sítio certo à hora certa”: conhecer as necessidades e antecipá-las, quer seja no design, quer seja na performance; construir as oportunidades criativas, para que toda a equipa as aproveite e desfrute; prever qualquer adversidade, que afecte a produção (um performer deve somente preocupar-se com o espectáculo); durante o espectáculo fica responsável

pela boa preparação e verificação do mesmo, garantindo o erro mínimo; operar o espectáculo, a partir do guião preconcebido em ensaios, sendo maestro de backstage das deixas, ou seja, dando ordens de acontecimentos e efeitos; conceber o livro de direcção de cena, organizando-o com toda a documentação do espectáculo e sua organização; gerir a companhia em carreira de espectáculo e digressão, garantindo a qualidade artística da estreia; preparar a digressão e gerir tecnicamente todos os seus aspectos; preparar a desmontagem e encerramento do espectáculo, arquivando e arrecadando materiais e informações.

Concluindo, a direcção de cena deverá ter um papel pró activo e decisor neste cenário. É necessário o “know-how” do cargo, para promover este conceito, podendo propor-se formações nesta área de conhecimento para líderes e agentes culturais, promotores e programadores, por exemplo: empresas municipais de promoção cultural. Deste modo, há todo um grande caminho a percorrer, ao longo do qual a direcção de cena poderá ter o seu papel de criador discreto e subtil, promovendo a criatividade organizadora, consequentemente, a qualidade.

Coros em Movimento em Santa Maria da Feira

Vital Santos

É sobejamente conhecida/reconhecida a dinâmica associativa feirense. Quantas manifestações hoje se realizam neste nosso concelho por iniciativa, ou com a indispensável colaboração, das associações que aqui atuam, sejam elas de índole cultural e recreativa, seja desportiva ou mesmo profissional? No entanto, há sempre duas formas de o fazer: cada um de per si ou em processos colaborativos.

A nossa Federação tem como objetivo congregar forças e vontades das suas associadas (culturais e recreativas) para que o maior número possível de iniciativas se realizem potenciando a cooperação entre elas.

Desta vez tratemos de uma vertente onde ainda impera uma grande dose de individualismo: a música coral. A situação atual pode traduzir-se desta forma: cada coro apresenta os seus concertos, por vezes convidando um ou outro coro "amigo" (algumas vezes mesmo estrangeiro), e, na mesma lógica, responde aos convites que recebe.

Partindo deste panorama, um conjunto de 5 (cinco) coros feirenses decidiram unir esforços e colaborações tentando prosseguir os seguintes objetivos:

1º- Divulgar, por todo o concelho, a música coral, em língua portuguesa;

2º- Criar, nas pessoas participantes dos coros, uma motivação adicional para se

envolverem mais intensamente neste género de grupos;

3º- Criar condições para que novas adesões aos grupos ocorram;

4º- Formar novos públicos deste género musical;

Assim, iniciou-se o projeto "Coros em Movimento em Santa Maria da Feira". A sua concretização vai começar a traduzir-se no terreno a partir do próximo ano, sendo assumido pelos seguintes Coros:

- CIRAC;
- Juventude de Sanguedo;
- Orfeão da Feira;
- Tuna Musical Mozelense;
- Voltado a Poente (VaP).

Agrupados aos pares, estes coros promoverão concertos em freguesias do concelho que queiram aderir, tendo prioridade aquelas onde não costuma existir este tipo de iniciativas, devendo o projeto ser encerrado num grande concerto com a participação de todos os coros envolvidos.

Espera-se que esta manifestação, depois de se iniciar, não mais pare e que seja capaz de provocar a adesão das entidades públicas e privadas que, de alguma forma, se preocupam por elevar culturalmente as populações feirenses de forma harmoniosa e diversificada.

Formação e Associativismo

Maria Albina Almeida

De uma forma geral, a prática associativa consiste na organização voluntária de pessoas, sem quaisquer fins lucrativos, com o intuito de satisfazer as necessidades coletivas ou alcançar objetivos comuns, sejam eles de caráter cultural, recreativo ou outro.

As associações são organizações que trabalham para desenvolvimento sustentável das suas comunidades, dos seus municípios e regiões, sendo entidades relevantes em qualquer política de desenvolvimento, na medida em que constituem um pilar fundamental na construção de solidariedades e na expressão de uma forma de vida em comunidade, que favorece o exercício de uma democracia participada e de uma cidadania ativa. Contribuem não só para o desenvolvimento económico e social, como para a divulgação e preservação da cultura, da história e do património das comunidades onde estão inseridas.

Estas entidades devem estar sensíveis à necessidade de promover a educação e a formação dos seus associados, dirigentes e administradores, de forma a garantir efetivamente este desenvolvimento.

A Federação das Coletividades de Cultura e Recreio do

Concelho de Santa Maria da Feira (FCCRSMF), profunda conhecedora do tecido associativo do concelho de Santa Maria da Feira (SMF) e da sua importância, tem procurado ser um parceiro ativo, presente e colaborante, nomeadamente no que se refere à área da formação.

A FCCRSMF, através da Escola de Formação Colaborativa (EFC) tem dirigido a sua ação formativa para uma eficiente e coerente gestão das organizações e para a qualificação dos seus recursos humanos, como forma de elevar o desempenho das mesmas e permitir consolidar sustentadamente os seus objetivos.

Neste âmbito, a EFC definiu um itinerário formativo que pretende até ao final de 2016, chegar a cerca de vinte associações e noventa formandos, e que abrange as seguintes áreas temáticas: "Artes do Espetáculo" e "Administração e Gestão" com quatro áreas de intervenção: Organização e Gestão Associativa, Teatro Artes e Espetáculos, Música Folclore e Tradições e ainda, Empreendedorismo e Voluntariado Social. Estas ações – de componente teórica e prática –, procuram adequar os

conteúdos às realidades e necessidades das associações, numa perspetiva de iniciação, atualização, aprofundamento e consolidação de conhecimentos e competências.

Para além desta formação formal, a FCCRSMF tem uma grande preocupação em apoiar e organizar diferentes eventos/atividades (Do Natal aos Reis, Teatro à Roda, Feira com Tradições – Cortejo Etnográfico, ...), onde é possível evidenciar e concretizar as aprendizagens e competências adquiridas e desenvolver uma abordagem formativa não formal, semelhante a uma formação-ação, onde se exploram em grupo, todo o potencial do trabalho e das muitas sinergias.

A nossa missão passa por colaborar com as coletividades para que possam rentabilizar a sua grande riqueza – as pessoas – e assim consigam de uma forma mais eficiente, potenciar o desenvolvimento integrado das suas comunidades e criar espaços de partilha de recursos, de saberes e experiências e de preservação de tradições e costumes.

O desafio que se coloca é o de continuarmos a fazer história através do movimento associativo.

Uma experiência

Envelhecer no associativismo: uma questão de preconceitos

Bernardete Moreira
Gerontóloga Social

O aumento do número de idosos e consecutiva diminuição de crianças e jovens tem levantado inúmeras questões sobre o envelhecimento e a sua repercussão no desenvolvimento social.

Também o associativismo procura responder às inquietações impostas por estas mudanças e desenvolver medidas que procurem responder às necessidades do “envelhecer”. Contudo, estaremos realmente esclarecidos sobre as vantagens do associativismo para o envelhecimento? Ou necessitaremos de repensar o conceito de “envelhecimento” e adaptar as medidas já impostas?

Nas últimas décadas tem-se assistido a um crescimento da população idosa e diminuição da população jovem. Em Portugal, à semelhança da situação mundial, o envelhecimento populacional também tem vindo a aumentar, prevendo-se que a proporção de idosos aumente para 32% em 2050 (INE, 2012). Este processo pode tornar-se um fator de preocupação pela possível inexistência de medidas políticas e sociais que satisfaçam as necessidades da população idosa. Neste sentido, áreas científicas, como a gerontologia,

têm surgido de modo a responder a todo o processo de envelhecimento, tendo em conta preditores e promotores de um envelhecimento ativo bem-sucedido.

Contudo, para abordarmos o envelhecimento ativo é necessário, inicialmente, esclarecer o conceito de “envelhecimento”. O envelhecimento não marca a entrada na reforma, mas sim todos os processos e alterações associados ao tornar-se idoso. Deste modo, o envelhecimento humano engloba todos os seres humanos, independentemente da sua condição biopsicossocial. Associado ao conceito de “envelhecimento” encontram-se três dimensões inseparáveis: biológica, psicológica e social. Para entender todo o processo de envelhecimento é necessário olhar para o ser humano como um todo, tendo em conta aspetos biológicos, psicológicos e sociais em constante interação. Olhar para uma pessoa apenas como um elemento biológico ou social é errado, podendo conduzir a apreciações inadequadas.

É sobre esta visão multidimensional que se encontram duas vertentes do envelhecimento: patológico e

ativo/bem-sucedido.

O envelhecimento patológico refere-se ao envelhecimento marcado pela presença de doenças e/ou outras limitações. Já o envelhecimento ativo e bem-sucedido é um processo de desenvolvimento onde as pessoas recorrem às suas capacidades e recursos de modo a adaptarem-se às perdas, inevitáveis, de algumas capacidades e paralela manutenção de outras. A Organização Mundial de Saúde, em 2002, define o envelhecimento bem-sucedido como “o processo de otimizar oportunidades para a saúde, participação e segurança para potenciar o bem-estar e a qualidade de vida ao longo do envelhecimento das pessoas”. Neste conceito encontram-se dimensões fundamentais para compreender o envelhecimento bem-sucedido, destacando-se a saúde, participação e segurança. É nas dimensões supracitadas que se enquadram as vantagens do associativismo, como promotor do envelhecimento ativo/bem-sucedido e implementador de medidas que permitam o desenvolvimento deste mesmo processo.

A formação de associações e a sua atuação em contextos locais pode ser decisivo para a



promoção do envelhecimento ativo/bem-sucedido. Para além dos processos e objetivos que regem as associações, estas assumem o papel de agentes sociais, marcados pela ajuda ao próximo. É nesta ajuda que se observa um dos benefícios do associativismo para o envelhecimento. Numa sociedade marcada pela exclusão dos “marginais” da sociedade (deficientes, pobres, idosos, entre outros), as associações tornam-se agentes importantíssimos ao incluírem estes membros no seio da sua organização. Por exemplo, com a entrada na reforma, grande parte dos indivíduos deixam de exercer uma atividade profissional e ficam vulneráveis a problemas como o sedentarismo, isolamento social e, como resultado, diminuição da qualidade de vida (preditores de envelhecimento patológico). Nestas situações, o associativismo é crucial para responder às necessidades impostas por todas estas mudanças, acolhendo estes membros e implementando medidas que previnam, por exemplo, o sedentarismo ou

isolamento social. Tais medidas não passam apenas pela implementação de um conjunto de normas e regras associativas, mas essencialmente pela eliminação de preconceitos associados ao envelhecimento e pela reestruturação social, desenhando novas linhas orientadoras que permitam acabar com estereótipos associados ao envelhecimento e aos idosos e, paralelamente, enquadrando todos os indivíduos como membros ativos na sociedade e associações. Porém, estará o associativismo aberto à mudança necessária? Ou seremos eternamente influenciados por preconceitos associados ao envelhecimento?

Um grande exemplo de um membro ativo na promoção de um auto envelhecimento ativo e bem-sucedido é Arménio da Silva Ferreira – entrevistado especial da presente edição desta revista. A participação ativa na vida comunitária é um dos pontos cruciais que o conduzem a um processo de envelhecimento ativo. Para Serrat, Villar e Celdrán (2015), a

participação em organizações e associações levam a redes interpessoais mais ricas, sendo as mesmas reforçadas em contextos associativos. Paúl (1991) considera que as redes de apoio social (formas como as ligações humanas se organizam) têm um efeito direto sobre o bem-estar, estimulando a saúde (independentemente do nível de stress) e promovendo os sentimentos de ser amado e valorizado. Paralelamente, levam à prevenção do isolamento e exclusão social.

Neste sentido, e sendo a participação social um dos pilares do envelhecimento ativo e bem-sucedido, é importante a implementação de medidas e orientações que levem ao apelo dos indivíduos para a sua participação em associações comunitárias, revelando-se importante não só a nível social, mas também de outras dimensões pessoais como são a saúde mental e física de ambos (tendo em conta a tipologia de associação na qual se enquadram).

Destaques

Participação associativa na Viagem Medieval 2016

David Xavier

A viagem medieval tem na sua génese uma grande participação associativa que impulsiona e ajuda as associações a terem, cada vez mais, um papel fulcral no evento. Para tal, foi realizado um inquérito cujo principal objetivo era perceber e quantificar a participação das associações no evento.

Os inquéritos foram realizados via WEB, de forma presencial ou telefónica. Foi pedido durante os inquéritos a maior imparcialidade para que os dados a seguir transmitidos correspondessem à realidade.

Para melhor perceção das associações inquiridas foi atribuído a cada projeto um número identificativo.

Estes dados vêm demonstrar a força que o associativismo tem no concelho de Santa Maria da Feira, especialmente na Viagem

Medieval, onde grande parte da sua animação é feita por associações locais que ao longo do tempo foram aperfeiçoando e crescendo de forma a trazerem mais produtos e mais qualidade ao evento. Entre as associações e a Viagem Medieval foram sendo criadas relações de WIN-WIN, conseguindo-se, por um lado, impulsionar projetos associativos através de múltiplas formas de ajuda que permitem que as associações mantenham a sua atividade no quotidiano e que, por outro lado, tragam mais qualidade ao evento. Nos dias que correm o associativismo tem um papel fulcral como meio de integração social e cultural na sociedade e a Viagem Medieval tem uma função indispensável para a concretização deste objetivo.

A primeira análise realizada consistiu em apurar o número

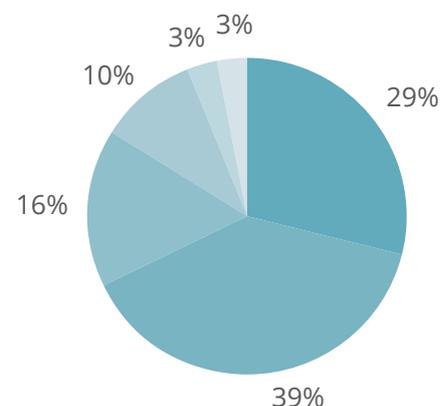
de pessoas envolvidas nos vários projetos levados a cabo nesta edição.

Nos 31 projetos de animação estiveram envolvidas 683 pessoas divididas em 13 projetos de animação circulante que integravam 268 (39%) pessoas e 18 projetos de animação âncora com 415 participantes (61%). O mínimo de participação num projeto foi de 2 pessoas e o máximo de 118, perfazendo uma média global de todos os projetos de cerca de 22 pessoas.

Convém ainda salientar que a maior parte dos projetos que participaram na Viagem Medieval (39%) tinham entre 11 a 20 pessoas a participar.

Na tabela em baixo podemos verificar a percentagem de pessoas envolvidas por intervalo de participação.

0-10	29%
11-20	39%
21-30	16%
31-40	10%
41-50	3%
>50	3%



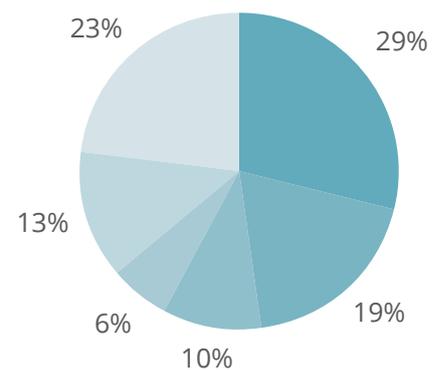


Para recrear a época medieval da melhor forma é necessário um árduo trabalho de preparação, procurando fazê-lo da forma mais variada possível. Como tal, foi também analisado o número de horas que cada projeto gastou em pesquisas, preparação, escrita de guiões e

tudo o que é exigido para que seja possível integrar o evento. Com base nas respostas percebeu-se que foram investidas 1152 horas de preparação, distribuídas por todos os projetos. Sendo o máximo de 120 horas, o mínimo de 0 horas e a média 37 horas.

Na tabela seguinte, temos a distribuição do número de horas de preparação por projeto e por intervalos, ou seja, 29 % dos grupos tiveram um trabalho de preparação entre 0 e 10 horas.

0-10	29%
11-20	19%
21-30	10%
31-40	6%
41-50	13%
>50	23%



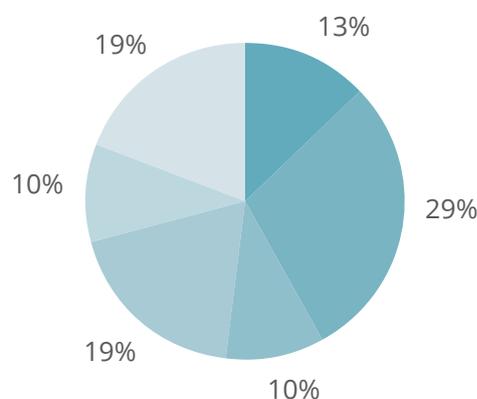
Contabilizando o total de ensaios chegou-se a 517, perfazendo um número total de horas de 1136. Foi também possível perceber o número médio que cada pessoa dedicou

em ensaios a cada projeto (2,11 horas).

O mínimo que um projeto dedicou a ensaiar para o evento foi de 2 horas, o máximo de 118, e a média foi de 36,70 horas.

0-10	13%
11-20	29%
21-30	10%
31-40	19%
41-50	10%
>50	19%

Fazendo a mesma análise por intervalos de tempos de ensaios, chegamos à conclusão que 48% dos projetos dedicou pelo menos 31 horas a esta tarefa.



Refira-se que o número de horas de ensaios de todas as pessoas envolvidas em todos os projetos é de 35178 horas.

Todo este esforço de preparação e ensaios proporcionaram 739 horas de animação durante os doze dias, sendo 235 horas de animação circulante e 504 horas de animação âncora.

Com o intuito de avaliar qualitativamente a importância que o evento tem para as associações foram efetuadas três perguntas que procuravam medir o:

Impacto Social - ou seja, qual a importância que socialmente os projetos envolvidos na Viagem Medieval tinham na associação e na sociedade em volta da mesma;

Não houve nenhuma resposta menor que 5, o que desde logo demonstra a importância dos

projetos para a associação, sendo que 93% das respostas foram entre 7 e 10. A média foi de 8,12.

Com isto pode concluir-se que a Viagem Medieval tem neste momento um papel fundamental na integração e no bem-estar das associações.

Impacto Cultural - ou seja, de que forma estes projetos enriqueciam culturalmente a associação e os seus associados;

Não houve nenhuma resposta menor que 5, sendo que 83% das respostas foram entre 7 e 10. A média foi de 8,44.

A oportunidade de poder conviver com vários grupos de animação de diferentes cantos do mundo possibilita o conhecimento de novas culturas, de diferentes formas de estar e de agir, que se traduzem num enriquecimento

pessoal e associativo. É também de extrema importância que estes grupos se possam relacionar com grupos profissionais, abrindo desta forma novas portas para o futuro e possibilitando a oportunidade de aprender continuamente.

Impacto Económico - qual a importância destes projetos para o desenvolvimento e o bem-estar económico da associação?

As respostas tiveram um padrão mais dispersivo. No entanto, 70% das respostas foram iguais ou superiores a 5. A média foi de 5,76.

Este parâmetro de análise demonstra a importância que a Viagem Medieval tem neste momento no orçamento das associações, possibilitando que cresçam de uma forma equilibrada e sustentada.



Fazendo um parêntesis à análise da participação associativa na animação do evento, foi recolhido o número de pessoas e de horas de participação das pessoas nas tabernas do evento.

Com esta análise foi possível perceber que nas 29 associações que participaram na área das tabernas, cada uma teve em média 20 pessoas por dia em ação. Cada pessoa esteve em média 10 horas no espaço, fazendo com que se tenha apurado que estas 480 pessoas estiveram 57744 horas no evento.

Para uma análise mais precisa, aqui ficam os dados:

Nº Taberna	Pessoas	Horas
1	17	8
2	18	12
3	23	9
4	22	11
5	19	10
6	21	10
7	20	12
8	15	8
9	25	12
10	14	8
11	26	11
12	17	9
13	23	10
14	18	10
15	22	10
16	19	12
17	21	8
18	18	11
19	22	9
20	18	11
21	22	9
22	17	12
23	26	8
24	17	10
Média	20	10

(Nota: o nome das tabernas foram substituídos por números mas estes não têm qualquer ligação ao número dos espaços das tabernas)

Concluindo, a Viagem Medieval é neste momento uma forma das associações poderem crescer de variadíssimas formas, sejam elas económicas ou de outra natureza, e permite o nascimento de projetos que ao longo do tempo se vão tornando referências nacionais na área.

A Viagem Medieval é o embrião que permite, o nascimento e o crescimento de projetos associativos que aliados a uma forte componente de qualidade tornam este evento tão especial.



Entrevista ao Sr. Arménio

Vitor Santos
Bernardete Moreira

Arménio da Silva Ferreira, natural de Rio Meão é um dos grandes exemplos que fazem parte do associativismo do nosso concelho. Com uma vida marcada pelo trabalho árduo desde infância, a paixão pelo folclore levou-o a abraçar o associativismo intensamente, tornando-se um membro ativo em diversas associações, destacando-se o Rancho Folclórico “As Florinhas de Rio Meão”. Foi nesta associação que assumiu a presidência durante muitos anos, tendo alcançado feitos memoráveis como a federação do grupo na Federação do Folclore Português, apresentações internacionais e conservação do grupo como membro ativo na sociedade em que se encontra. Através desta entrevista desvendamos um pouco mais da sua vida no mundo associativo.

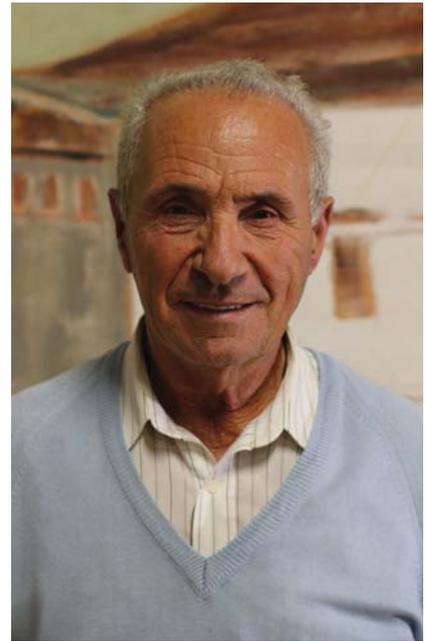
Entrevistadores (E): Há quantos anos está ligado ao mundo associativo e o que o levou a entrar?

Arménio Silva (AS): “Já estou ligado há muitos anos. Primeiro comecei como sócio do sindicato dos metalúrgicos, onde tínhamos um rancho. É engraçado que quando eu andei

nesse rancho nós tivemos várias saídas e, prontos, era a alegria dos metalúrgicos. Só que os metalúrgicos e os sócios do sindicato dos metalúrgicos de Rio Meão foi bota abaixo, bota abaixo e botaram-nos mesmo abaixo. Só que depois de tantos anos (isto foi de 1954 a 1960), ou seja, em 1981, vi aqui na festa do Macur um rancho a tocar. Parece que me tocou e deu assim uma saudade. Falei ao meu sobrinho e ele veio aqui para me ajudar. Começámos em 81 e desde aí nunca mais parou. Ele era novito, tinha 16 ou 15 anos. E até ajudou, dançava muito bem. Só que passado uns tempos deixou-me e foi fundar outro grupo. Depois contei com a ajuda de um grupo de jovens casais. Acho que foram estes, os que vieram, que deram mais força. Mas foi um bocado duro...”

E: Mas o senhor Arménio continuou com força para andar com este rancho para a frente.

AS: “Se ele acabar é por falta de elementos, isto hoje está difícil. A gente faz o possível. Temos ali a nossa Joaninha (elemento que se encontrava presente na associação durante a entrevista), que já é uma florinha muito pequenina, não é Joaninha?



Estes é que vão ser o nosso futuro.”

E: O Senhor Arménio foi diretor associativo desta associação?

AS: “Eu fui presidente e depois de mim veio o Semião, depois a Ana e a seguir a Cristina (atual presidente do grupo).”

E: Em tantos anos como diretor associativo, o apoio da família foi e é importante?

AS: “A família esteve sempre comigo para me ajudar, esteve sempre e ainda hoje está. Eu fiz o que pude, porque ser presidente é preciso estar sempre presente em tudo e o apoio da família, nesse caso, é muito importante.”

E: Chega a um ponto que associação acaba por ser a segunda família e a sede uma segunda casa? Porquê?

AS: “Eu acho que somos uma família mas cada um come em sua casa. Eu acho que sim. Eu até estou a fazer uma sede, não é o rancho, sou eu. (risos). Ainda hoje me perguntaram: “Então ó Arménio, a tua casa já está a andar? Já vai na terceira placa?” E é, vai na terceira placa (risos) Vai na terceira, levou a do piso debaixo, levou a do meio e agora levou a de cima. E eu disse assim: “A casa não é minha, a casa é do rancho””.

E: Com um grande percurso ligado ao folclore, o gosto pela recriação foi um dos grandes fatores para se manter ativo no associativismo?

AS: “Sim. Eu fui criado numa casa de grandes lavradores. Eu ainda me lembro dos meus pais semear o linho, com 50 e mais jornaleiras no campo a cantar “Nós de cá e vós de lá somos tantos com a voz. Nós comemos o carneiro e os cornos comei vós” e a minha mãe fazia o bolo misturado e o povo gostava muito daquele bolo, tremoços e azeitonas. Depois da merenda, aquilo é que era cantar. Era nas sachadas do milho, era nas cegadas do centeio, do azevém, do trigo e, assim, eu fui criado. Eu andava na escola. Ao chegar a casa tinha que cegar erva e, às vezes, tinha que chamar os bois a lavrar e até nem ia à escola. Eu passei um bocadinho. Mas eu tinha um irmão mais velho do que eu, passava de ano e meio, mas ele nasceu de 7 meses. Era

muito fraquinho e eu era assim para o forte. Poupava-se o Chiquinho e eu é que era o “pião das nicas”. Até que esse meu irmão era muito acarinhado pela minha mãe porque era muito fraquinho e miudinho. A minha mãe foi a minha irmã. Ela já morreu. Passou o tempo e ela contava: “Eu não podia contigo porque tu eras gordo. Naquelas camas de ferro, encostavamo-nos assim à cama, pegava-te ao colo e davamos um “vira-cú” e caíamos em cima da cama” (risos).” Era aqueles colchões de meter aquela palha de colmo, de centeio. Foi assim uma vida um bocadito amargurada porque uma criança que anda na escola e já a trabalhar, cortar erva, cegar, a chamar os bois...foi doloroso. Fiz a 3ª classe e vim para casa. Depois fiz a 4ª aos 16 anos. Era preciso, fazia falta em casa, e fui trabalhar aos 13 para as fechaduras. Saía da fábrica e tinha de ir apanhar feijões. Mas gostei sempre muito das cantorias, do povo que trabalhava em nossa casa, jornaleiras, nas desfolhadas, nas espadeladas no linho. Eu adorava aquelas cantigas, tanto que quando eu comecei aqui a ensaiar os cânticos disseram assim “Pôssa, parece os alentejanos” (risos), porque os alentejanos eram muito lentos, e nos princípios ficavam de boca aberta. O povo estava cansado de trabalhar e cantavam lentamente e até dançavam lentamente. Eu às vezes dizia que aquilo não era dançar, era

pinchar, não é bem dançar é pinchar. E o nosso povo não dançava assim, era lento. Os viras eram mais “puxaditos” mas, mesmo assim, não é como eu vejo às vezes aí. Os vareiros é que pinchavam muito na areia. Mas aqui mais para cima já não era tanto. Quando era a Senhora da Saúde, de dia 14 para o dia 15, a partir das seis da tarde, era tanta gente por esta estrada em direção a Castelões. Depois já havia comboio, uns vinham para Oliveira de Azeméis, outros para São João da Madeira, depois vinham por aí abaixo. Chegavam ao largo de Santo António a comer o resto da merenda, cantavam e dançavam, lá iam eles até Esmoriz, Cortegaça, Maceda, Espinho... Eram outros tempos!”

E: Quais os momentos que mais o marcaram no associativismo?

AS: “Quando nós fomos a França, quando entramos na federação, quando tínhamos uma atuação e as coisas corriam bem eu vinha feliz da vida, até agradecia a Deus, obrigado. Às vezes estava triste aqui, porque nunca se começa o ensaio a horas, depois falta um ou falta outro e pensava como é que eu vou ensaiar num ensaio geral? É complicado. Mas depois a gente lá ia e lá se conseguia. Os ensaios aqui são muito barulhentos, mas no dia eles são impecáveis. Mas foram sempre assim. Mesmo quando eram crianças eles sentiam



responsabilidade. Ainda hoje, que já não são crianças embora alguns deles ainda sejam muito novinhos, vão para cima do palco e não brincam como brincam aqui nos ensaios. Eles sabem que têm que se portar bem e mostrar aquilo que sabem. Depois ver aquilo é uma alegria. No fim vêm no autocarro e é uma borgia. Às vezes, quando vamos, vou um bocadito de pé atrás, a pensar como é que há de correr, mas depois quando vimos para trás venho contente porque a coisa correu bem.”

E: O associativismo ajudou-o a tornar-se a pessoa que é hoje? Porquê?

AS: “Sim. O fruto que eu colhi daqui foi a amizade dos que cá estão e dos que foram.

O convívio, a alegria e a aprendizagem... A malta hoje está muito ocupada. Se não estivesse tão ocupada podíamos ir mais longe, em questão de cânticos de trabalho, danças de roda à unha seca, danças sem música. Eu podia ter feito mais, mas nunca pior. Mas eu ainda queria fazer mais. Mas todos têm as suas ocupações, os seus trabalhos, trabalhos por turno e é complicado. Estou aqui às vezes triste porque havia de ensaiar e não ensaio, mas chega-se ao dia e corre tudo bem.”

E: E está feliz com este projeto?

AS: “Agora é que estou! Então, eu estou a fazer uma casa e não havia de estar feliz? Eu nunca pensei da gente chegar onde chegou. Quando a gente

começou a trabalhar para entrar na federação e a comprar trajes, nunca pensei podermos entrar na federação. Mas entrámos e com muito mérito. Também nunca julguei de irmos lá fora como fomos. Se calhar agora não queria ir. Só não fomos ao Brasil porque tínhamos de fazer a nossa casa, senão tínhamos lá ido. E não fomos mais vezes porque é complicado e agora mais complicado é. Mas tivemos muitos momentos bons. Tenho que agradecer a eles. Eu nunca fui muito rígido porque acho que aqui não é a tropa. “Anda que tens que andar, tens que fazer” não senhor! Andas aqui porque gostas, mas não andas aqui debaixo do chicote. Sou um bocadito mole nisso, mas também acho que não se pode ser muito rígido.”

E: Na sua opinião, o associativismo faz sentido em todas as idades, ou será uma mais-valia apenas a partir de, ou até, uma determinada idade?

AS: “Acho que sim. Aqui não há velhos! Os mais velhos incentivam os mais novos e os mais novos incentivam os mais velhos. E muitas vezes os mais velhos aprendem com os mais novos.”

E: E pensando agora na sociedade em que vivemos, acha que o associativismo pode ajudar a solucionar alguns problemas como a pobreza, a discriminação e o isolamento social?

AS: “Isso não se passa aqui. Mas parece-me que sim se fosse o caso. Corrigi-las quando elas erram, saber apoiar as pessoas.”

E: Imaginava-se a fazer parte de outro tipo de associação sem ser o folclore?

AS: “Agora não, porque eu, para além de fazer parte do folclore, faço parte do grupo coral da igreja e sou ministro extraordinário da comunhão. Vou fazer 50 anos de casado e eles (membros da associação que integra) querem fazer-me a festa, dia 15 de Outubro. Antes do folclore já fazia parte do grupo coral da igreja. Antes de me casar não dava, porque queria namoriscar e sair, mas depois de casado, sim. Há de estar a rondar os 50 anos.”

E: Pertencer ao coral da igreja aguçou o gosto pelo associativismo?

AS: “Sim, eu sempre gostei de cantar embora cante mal mas cantarolar canto sempre.”

E: Para terminarmos esta conversa, quais os conselhos que deixa aos leitores que se encontram nesta grande família que é o associativismo?

AS: “Que façam como eu ou melhor ainda. Que não desistam, que não desanimem. Eu, às vezes, desanimo, mas acabo por ficar alegre. Quando às vezes estou aqui preocupado como é que vai correr e depois para cá venho todo contente. Não desanimem! Eles são muito barulhentos, já desde o tempo em que o rancho era infantil, mas depois quando iam para cima do palco portavam-se cinco estrelas. Foi sempre assim. Mas valeu o esforço.

Durante os ensaios era assim: “No final conversais, vamos embora. Dizia ao tocador do bombo tum-tum-tum e começa com a música”. Às vezes diziam assim “Sr. Arménio, saia já com a rusga ao Senhor da Pedra”, que é a última música, a gente sai sempre com o Senhor da Pedra. Às vezes quando vamos para uma atuação, antes de entrar no palco o pessoal diz “Sr. Arménio, rusga de saudação para saudar o pessoal e a seguir a rusga de despedida Sr. Da Pedra”. Não pode ser assim, senão o pessoal ficava triste.”

É com exemplos como o do Arménio Silva que o associativismo tem progredido. Prestes a completar 77 anos de idade, o seu percurso de vida evidencia a força de vontade, conhecimento e alegria com que abraça o associativismo, especialmente através da fundação do Rancho Folclórico “As Florinhas de Rio Meão” e evolução do mesmo como associação ativa na sociedade. Para além da sua dedicação ao associativismo, também a família é um pilar fundamental na sua vida, sendo o mesmo demonstrado pelos 50 anos de casamento e felicidade que compartilha com a sua esposa, filhos, netos e amigos. As palavras que dirige a todos os membros associativos demonstram a sua vontade e persistência em seguir em frente, aconselhando todos os elementos a que nunca desistam, mesmo quando a corrente não está a nosso favor. São associados como Arménio Silva que nos conduzem a grandes feitos sociais, promovendo a inclusão de todas as pessoas e o prevalecer da cultura portuguesa, através da conservação e recriação de usos e costumes do nosso povo.

Rancho Folclórico Recreativo e Cultural "As Florinhas de Rio Meão"

O Cortejo Etnográfico e a Feira das Coletividades

António Pinto

O grande Cortejo Etnográfico, sob o tema do ciclo do milho, realizou-se no dia 5 de junho de 1994, pelas 16 horas, da Rua Dr. Vitorino de Sá e Rua Condes de Fijô até ao Rossio, em S. M. da Feira, o qual estava integrado no programa de animação da 4ª Feira das Coletividades organizada pela Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira. Foi, tal como as imagens documentam, um magnífico cortejo constituído por centenas de figurantes e vários carros alegóricos que representavam os diversos quadros do “Ciclo do Milho”: Semear; Regar; Mondar; Desbandeirar; Colher; Desfolhar; Secar; Malhar; Moer e Fazer o pão.

Esta iniciativa constituiu uma das mais importantes organizações da Federação e envolveu os seguintes participantes: Grupo Folclórico das Terras da Feira – Casa da Gaia; Rancho Folclórico “As Florinhas das Caldas de S. Jorge”; Rancho Folclórico CRER / SER de Escapães; Rancho F. Etnográfico Rio Meão; Rancho de S. Cristóvão de Nogueira da Regedoura; Rancho “As Lavadeiras de S. João de Ver”; Grupo Folclórico “Os Corticeiros de Lourosa”; Rancho Folclórico de Pessegueiros do Vale”; Rancho Folclórico S. Martinho de Escapães.

A 4ª Feira das Coletividades, que segundo as estimativas da organização foi visitada por cerca de vinte e cinco mil pessoas, nesse ano de 1994 decorreu de 2 a 5 de junho, no Largo do Rossio. Este evento teve a sua primeira edição em 1991, no Pavilhão da Lavadeira, em S. M. da Feira e era constituída por uma exposição das atividades das associações participantes. Durante os primeiros anos da fundação da Federação, foi a mais expressiva representação da capacidade de organização conjunta e de envolvimento do movimento associativo local.



Mondar



Colher



Malhar



Moer

Qual a **Data de Nascimento** da Federação?

António Pinto

Curiosamente, a Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira terá sido fundada em Abril de 1990, por deliberação da Assembleia de Fundadores numa iniciativa integrada no 2º Congresso das Coletividades da Feira, organizado pela associação “Casa da Gaia”. Na referida assembleia, que também terá aprovado a proposta de Estatutos da Federação, foram eleitos os Órgãos Sociais desta organização para o biénio de 1991 e 1992. Na sequência desse mandato, a direção liderada por Fernando Ferreira, na altura também presidente da direção da “Casa da Gaia”, promoveu a realização de diversas atividades de formação e de realizações conjuntas, nas quais a Feira das Coletividades assumia um papel preponderante.

As atividades realizadas, a correspondência trocada e os subsídios recebidos são inquestionáveis provas de vida de uma organização que terá sido fundada três anos antes da sua constituição formal por escritura pública, que ocorreu em 13 fevereiro de 1993 no Segundo Cartório Notarial da Feira.

A Federação das Colectividades é uma das poucas organizações que não comemora o aniversário do seu nascimento. Se o fizesse, teria festejado o 25º aniversário em abril de 2015. Alguns dirão que se trata de uma omissão e outros que se trata de uma opção... A verdade é que a maioria dos seus membros ignora, voluntária ou involuntariamente, os acontecimentos mais marcantes que estiveram na génese da fundação desta Federação.



“A cultura é o modo avançado de se estar no Mundo ou seja a capacidade de se dialogar com ele.”

Vergílio Ferreira

Gil Ferreira

Vereador do Pelouro da Cultura, Turismo, Biblioteca e Museus da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

A sociedade contemporânea exige que estejamos atentos ao paradigma emergente da rápida mudança, “fast changing”, e à consequente necessidade de rápida adaptação. Naturalmente que a Cultura e o associativismo cultural não passam incólumes a este novo paradigma da sociedade contemporânea. Não obstante, devemos entender este novo paradigma como uma oportunidade de procurar e implementar novas respostas e não como uma “irremediável inevitabilidade dantesca” refém de soluções antigas. Citando Alexandre Herculano «É o progresso das ideias que traz as reformas, e não o progresso dos males públicos quem as torna inevitáveis».

O Município de Santa Maria da Feira tem vindo a implementar uma política cultural abrangente, visando o desenvolvimento local e qualidade de vida dos cidadãos, capaz de fomentar a participação cultural das comunidades, na qual o tecido associativo é, simultaneamente, o meio e o fim, o objeto e o canal, o emissor e o destinatário.

Neste desiderato, as grandes linhas que inspiram a proposta de ação do Pelouro da Cultura,

Turismo, Bibliotecas e Museus, para 2017 consolidam as ações com particular foco no tecido associativo, nomeadamente:

- a promoção de ações de formação, planeadas e integradas, dirigidas ao tecido associativo, agentes culturais e criativos;
- o Programa de Apoio a Projetos Culturais;
- o apoio técnico e assessoria aos agentes culturais, criativos e associativos, adequando o horário de serviço para corresponder às necessidades destes;
- a descentralização da oferta do acesso aos bens culturais através da promoção de projetos disciplinares e multidisciplinares, em parceria com os agentes culturais, criativos e associações culturais locais.

Conscientes dos desafios decorrentes do “fast changing” e com o foco permanente no desenvolvimento local integrado e sustentável, o novo ciclo de política cultural do Município de Santa Maria da Feira tem por base o investimento em instrumentos de mudança, com particular relevo para as ações regulares e programadas de capacitação de tecido

associativo e o apoio à criação artística da comunidade para a comunidade através do PAPC - Programa de Apoio a Projetos Culturais.

Naturalmente que, para perspetivar futuro, importa observar o passado e fazer uma leitura do presente (ou seja de onde vimos, onde estamos e onde queremos chegar).

Desde 2014, aquando da implementação efetiva de dois destes instrumentos fundamentais de mudança, o programa de capacitação “CRIAMOS JUNTOS” e o “Programa de Apoio a Projetos Culturais, o que foi alcançado?

Até à data, no programa de capacitação “CRIAMOS JUNTOS”, participaram 308 formandos, maioritariamente oriundos do movimento associativo, num total de 7 ações de formação distintas, entre 2014 e 2016, com um investimento global de 18.434,47€. Até ao final de 2017 estão previstas mais ações de capacitação decorrentes deste programa para as quais está prevista uma dotação de 10.000,00€. Já relativamente ao Programa de Apoio a Projetos Culturais (PAPC) importa observar que, nos anos de 2015



e de 2016, foram aplicados 226.480,06€ em atividades e projetos culturais oriundos do tecido associativo concelhio e que para 2017 se prevê um envelope financeiro de 145.000,00€ para o PAPC - o que representa um aumento de 16% na dotação relativamente ao ano de 2016.

O ano de 2017 verá nascer um novo espaço de desenvolvimento criativo (EDC) que se constituirá como elemento central para um novo ecossistema cultural e criativo do concelho e da região, a Caixa das Artes.

Este novo espaço de desenvolvimento criativo, a Caixa das Artes, trará consigo

um conjunto de novas oportunidades de desenvolvimento, nomeadamente para tecido associativo. No que concerne especificamente ao grande tecido associativo de Santa Maria da Feira, a Caixa das Artes pretende constituir-se como um elemento agregador de recursos, quer numa lógica de acolhimento e apoio às suas produções, quer, e sobretudo, no apoio à qualificação dos seus agentes criativos, numa lógica de desenvolvimento qualitativo da produção artística.

A Cultura é parte essencial da nossa identidade Feirense e constituiu-se um agente diferenciador e gerador sentimento de pertença.

Traz-nos visões criativas, é expressão de esperança, impõe-nos desafios e torna-nos capazes de fazer novas leituras sobre o Mundo (nesse mesmo Mundo onde a Cultura colocou Santa Maria da Feira e nesse mesmo Mundo que nos impõe permanentes desafios). Conscientes desta parte essencial, assim como do importante ativo que o movimento associativo configura e representa para Santa Maria da Feira, contamos com este ativo distintivo na ação cultural construtora da sociedade na qual queremos viver no futuro. É este o nosso desígnio, grande objetivo coletivo, um modo avançado de estar no Mundo em permanente diálogo!

Na Federação

Projetos a realizar em 2017

Joaquim Tavares

Dando continuidade ao seu papel principal de representação, de elo de ligação entre associações e promotora de formação permanente para os seus associados, o futuro próximo (2016/2017) trará de novo várias iniciativas das quais destacamos:

Formação de atores e encenadores

Pretende dar seguimento à anterior formação (oficina de expressão dramática) procurando valorizar os recursos humanos dispersos pelas nossas associações, dando-lhe cada vez mais ferramentas através do processo formativo, para a sua evolução e valorização.

Formação na área do Folclore e Etnografia

Tem como objectivo trabalhar as componentes das raízes etnográficas e folclóricas do nosso Concelho com vista à realização e participação na iniciativa “Do Natal aos Reis” e do “Cortejo Etnográfico”, previsto para Janeiro e Maio do próximo ano.

Formação de e para dirigentes associativos

Procura-se com estas ações de formação corresponder à necessidade de formar novos dirigentes, com as condições e conhecimentos para assumirem os destinos das suas associações, de acordo com as regras, valores e princípios associativos e para o desenvolvimento sociocultural das suas comunidades. Outra formação prevista é a de dirigentes, direccionada para a qualificação dos atuais dirigentes, abordando as novas realidades, novas competências e exigências, tanto de cidadania, como fiscais e administrativas.

Formação de instrumentos tradicionais

Também serão realizadas ao longo do ano de 2017 ações de formação de instrumentos tradicionais; viola, cavaquinho e concertina, 1ª, 2ª e 3ª fase de aprendizagem.

Teatro à Roda

Trata-se de uma importante iniciativa bianual que envolve os grupos de teatro do Concelho na promoção da arte de bem representar em palco, e que leva o teatro a todo o nosso território, sobretudo às terras onde não há prática nem tradição de teatro, dando a oportunidade a estas populações de assistirem ao que de melhor fazem os nossos grupos.

Fórum Associativo

Também em 2017 vai realizar-se o Fórum Associativo. É objetivo deste fórum promover o encontro e debate entre as associações culturais do concelho, sobre a nossa realidade, os nossos desafios e as oportunidades para o futuro das associações enquanto estruturas locais de promoção e valorização das pessoas das nossas comunidades.



Natal é tempo novo, de renovação e esperança, de mais paz, mais concórdia, mais solidariedade e, sobretudo, de mais inclusão social.

São estes princípios que motivam a Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira a renovar o convite a todas as associações para que persistam no seu enorme trabalho junto das comunidades, na valorização e promoção dos seus valores e identidade local.

A Federação deseja a todos os associados e feirenses, um feliz Natal e um próspero ano novo.



santa maria da feira câmara municipal

Sede da Redação

Rua S. Paulo da Cruz, 12 r/c
4520-249 Santa Maria da Feira

NIF 503 221783

Inscrito na ERC nº1252307

Tel 256 373 235

Fax 256 373 244

E-mail culturaerecreio@gmail.com

Diretor Joaquim Tavares

Coordenação Prof. Vital dos Santos

Equipa de Redação

Prof.ª Maria Albina Almeida

Fábio Pinto

Vitor Hugo Santos

António Pinto

Vera Jesus

Design Miguel Pinto

Impressão Gráfica Monumento

Rua do Areal, 780

4520-605 S. João de Vêr

Tiragem 250 exemplares

Periodicidade Anual